

A atenção, única via para o mistério

Poesia também é atenção, ou seja, leitura em múltiplos planos da realidade à nossa volta, que é a verdade em imagens. E o poeta, que vai desfazendo e recompondo essas imagens, é também um mediador: entre o homem e o deus, entre o homem e o outro homem, entre o homem e as regras secretas da natureza.

Os gregos foram seres desdenhosos da imaginação: a fantasia não encontrou lugar no seu espírito. A sua atenção heróica, irremovível (cujo exemplo extremo é talvez Sófocles) sem cessar estabelecia relações, e sem cessar separava e unia, num esforço permanente de decifração tanto da realidade como dos mistérios. Os chineses meditaram durante milénios do mesmo modo, em torno do maravilhoso *Livro das Mutações*. Dante, por mais escandaloso que possa soar, não é um poeta da imaginação, mas da atenção: ver almas a contorcer-se no fogo e no azeite a ferver, ou entrever no orgulho um manto de chumbo, é uma suprema forma de atenção, que deixa puros e incontaminados os elementos da ideia.

A arte de hoje é em grandíssima parte imaginação, ou seja, contaminação caótica de elementos e de planos. Tudo isto, naturalmente, vem opor-se à justiça (que de facto não interessa à arte de hoje).

Se portanto a atenção for expectativa, aceitação fervorosa e impávida do real, a imaginação é impaciência, fuga para o arbitrário: eterno labirinto sem fio de Ariadna. Por isso a arte antiga é sintética, e a arte moderna analítica; uma arte em grande parte de pura decomposição, como convém a uma época que se nutre de terror. Dado que a verdadeira atenção não conduz, como poderia parecer, à análise, mas antes à síntese que a resolve, ao símbolo e à imagem – numa palavra, ao destino.

A análise pode tornar-se destino quando a atenção, conseguindo realizar uma sobreposição perfeita de tempo e de espaços, for capaz de recompô-los, de cada vez, na pura beleza da figura. É a atenção de Marcel Proust.

A atenção é o único caminho para o inexprimível, a única via para o mistério. De facto, está solidamente ancorada no real, e só por alusões ocultas no real se manifesta o mistério. Os símbolos das sagradas escrituras, dos mitos, dos contos tradicionais, que durante milénios alimentaram e consagraram a vida, revestem-se das formas mais concretas desta terra: da Sarça Ardente ao Grilo Falante, do Fruto do Conhecimento às Abóboras da Gata Borrallheira.

Perante a realidade, a imaginação recua. Em contrapartida, a atenção penetra-a, directamente e como símbolo (basta pensar nos céus de Dante, divina e minuciosa tradução de uma liturgia). Ela é portanto, afinal, a forma mais legítima e absoluta de imaginação. Aquela a que alude sem dúvida o antigo texto de alquimia onde se recomenda que à obra seja dedicada “a verdadeira imaginação e não a fantástica. Entendendo-se com isto, claramente, a atenção em que está presente a imaginação, sublimada, tal como o veneno nos medicamentos. Por um desses equívocos de linguagem tão abundantes, vulgarmente chama-se-lhe “fantasia criadora”.

Pouco importa se a este instante criador, em que se realiza a alquimia da perfeita atenção,

conduzam longas e dolorosas peregrinações, ou se nasça de uma iluminação. Estes relâmpagos não são mais do que a centelha (de origem e natureza cada vez mais misteriosas à medida que para cada coisa nos é fornecida uma chave) que a atenção solicita e prepara: como o pára-raios o raio, como a oração o milagre, como a procura de uma rima a inspiração que justamente dessa rima poderá brotar.

Às vezes é a atenção de toda uma estirpe, de toda uma genealogia, que se inflama repentinamente perante a centelha de um deus: “Eu pus os pés naquela parte da vida de lá da qual já não se pode sair pelo desejo de voltar...”.

Este indivíduo da atenção conclusiva, assaltante, o mundo define-o como uma abreviação muito bela, um génio, significando aquele que é habitado por um demónio, que encarna a manifestação de um espírito desconhecido.

Tal como o gigante da garrafa, da imagem a atenção liberta a ideia, e depois novamente recolhe a ideia dentro da imagem: à semelhança, mais uma vez, dos alquimistas que primeiro derretiam o sal num líquido e depois estudavam de que modo se tornava a cristalizar em figuras. Ela opera uma decomposição e uma recomposição do mundo em dois momentos diferentes e igualmente reais. A justiça cumpre assim o destino: esta dramática decomposição e recomposição de uma forma.

A expressão, a poesia que daí nasce, evidentemente não poderá deixar de ser uma poesia hieroglífica: parecida com uma nova natureza. De tal modo que só uma nova atenção, um novo destino, poderá decifrá-la. Mas a palavra desvenda instantaneamente a que grau de atenção nasceu. Desvenda-o com o seu peso, terrestre e supraterrrestre: tanto mais respeitado, mais circundado de silêncio e de espaço quanto mais intenso tiver sido o tempo da atenção.

Todas as palavras se oferecem nos seus múltiplos significados, análogas às falhas de uma coluna geológica: cada uma diferentemente colorida e habitada, cada uma reservada ao grau de atenção de quem a deverá acolher e decifrar. Mas para todos, quando for pura, tem um pleno dom, que é total e parcial ao mesmo tempo: beleza e significado, independentes e todavia inseparáveis, como numa comunhão. Como naquela primeira comunhão que foi a multiplicação dos pães e dos peixes.

A palavra do mestre, diz um conto hebraico, parecia a cada um um segredo destinado ao seu ouvido e a nenhum outro; de modo que cada um ouvia como sua, e completa, a história maravilhosa que ele contava nas praças públicas e de que todos os recém-chegados não ouviam senão um fragmento.

Cristina Campo

in [Os imperdoáveis](#)

01.08.2008

